

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão

Textos

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



Índice

- 15 Editorial
José Morais Arnaud
- 1. Historiografia**
- 19 Arqueólogos Portugueses
Jacinta Bugalhão
- 33 A arqueologia nacional: valores de referência
Gertrudes Branco
- 41 De Chão de Minas (Loures) a Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa):
Breve balanço de um ciclo de vida em estudos Pré-Históricos
Vitor Oliveira Jorge
- 51 A emergência da arqueologia processual em Portugal: a teoria e o método
(1968-2000). Uma introdução
Daniel Carvalho / Mariana Diniz
- 63 Francisco António Rodrigues de Gusmão: a Arqueologia, a Epigrafia e o Património
Pedro Marques
- 75 História das investigações dos hipogeus em Portugal
Cátia Saque Delicado
- 87 «Porque havemos de deixar nas mãos de especialistas estrangeiros perspectivas que
tanto nos dizem respeito?». A colaboração arqueológica internacional no Portugal
dos anos 50-60 do século XX: tradições, inovações e contradições
Ana Cristina Martins
- 2. Estudo e valorização**
- 101 Musealização do sítio arqueológico da Foz do Enxarrique: do projeto à obra feita
Luís Raposo / Mário Benjamim
- 113 Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu):
objetivos e primeiros resultados
Manuel Luís Real / António Faustino Carvalho / Catarina Tente
- 125 Castro de Guifões (Matosinhos) – das primeiras notícias aos resultados
preliminares de um projecto de investigação
Andreia Arezes / José Manuel Varela
- 137 O projeto Castr'uíma (Vila Nova de Gaia, 2010-2015): elementos e reflexões para
um balanço prospetivo
António Manuel S. P. Silva / J. A. Gonçalves Guimarães / Filipe M. S. Pinto / Laura Sousa /
Joana Leite / Paulo Lemos / Pedro Pereira / Maria de Fátima Teixeira
- 155 São Salvador do Mundo – o estado da arte!
André Donas-Botto
- 161 Mértola na Idade do Ferro: primeiros resultados de dois projectos de investigação
Francisco José García Fernández / Pedro Albuquerque / Maria de Fátima Palma
- 171 Estado atual do conhecimento acerca do povoamento em época romana na Amadora
Gisela Encarnação / Vanessa Dias

- 185 Arqueologia urbana no concelho de Loures
Alexandre Varanda
- 195 19 anos de Arqueologia urbana em Machico, Região Autónoma da Madeira
Isabel Paulina Sardinha de Gouveia / Élvio Duarte Martins Sousa

3. Gestão e salvaguarda

- 209 Paisagens e patrimónios no concelho de Loures: reflexões sobre uma experiência de comunicação em arqueologia, património e história local
Florbela Estêvão
- 215 Para além da gestão patrimonial: uma nova relação da arqueologia com o território
Luiz Oosterbeek / Anabela Pereira / Davide Delfino / Elaine Ignácio / Henrique Mourão / Maria Nicoli / Marian Helen Rodrigues / Nelson Almeida / Pierluigi Rosina / Rita Anastácio / Pedro Cura / Sara Cura / Sara Garcês
- 227 A memória como ferramenta de pesquisa e investigação arqueológica
Alexandra Figueiredo / Ricardo Lopes / Sónia Simões / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira
- 237 A apropriação dos vestígios arqueológicos por parte das comunidades modernas e contemporâneas
Alexandra Vieira
- 249 Acompanhamento arqueológico em Lisboa – lei, des(ordem) e procrastinação
Alexandre Sarrazola
- 259 Acompanhamento arqueológico e método. Contributo para o seu enquadramento legal
Iva João Teles Botelho
- 273 Intervenção arqueológica na Avenida dos Aliados, Porto. O Bairro do Laranjal
Luís Filipe Coutinho Gomes / Iva Botelho / João André Perpétuo
- 287 Gestão do património arqueológico em intervenções de minimização e salvaguarda
Leonor Rocha / Gertrudes Branco

4. Pré-História

- 295 O crânio humano Acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Juan Luis Arsuaga / Rolf Quam / Dirk L. Hoffmann / Maria Cruz Ortega / Elena Santos / Sandra Gómez / Ángel Rubio / Lucia Villaescusa / Pedro Souto / Filipa Rodrigues / João Maurício / Artur Ferreira / Paulo Godinho / Erik Trinkaus / João Zilhão
- 303 Ocupações Pleistocénicas da margem esquerda do Baixo Minho (Miño/Minho 2).
Objetivos e primeiros resultados de um projeto transfronteiriço
João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Alberto Gomes / Eduardo Méndez-Quintas / José Meireles / Alfredo Pérez-González / Manuel Santonja
- 319 Estudo tecnológico de três sítios do Paleolítico médio do centro de Portugal:
Ribeira da Ponte da Pedra, Santa Cita e Lagoa do Bando
Sara Cura / Antonella Pedernana / Pedro Cura / Luiz Oosterbeek / Gabriele Luigi Francesco Berruti / Pedro Peça / Rosa Linda Graziano
- 331 O Paleolítico médio de S. Julião da Barra: a indústria lítica dos depósitos
flúvio-marinhos intervencionados no âmbito da construção do campus
universitário de Carcavelos
João Luís Cardoso / Pedro Peça / Raquel Santos
- 341 As indústrias Paleolíticas do Baixo Guadiana: perspetivas para uma investigação
futura a partir das recolhas de Abel Viana
Luís Gomes / Alexandre Varanda

- 357 A sequência estratigráfica da Lapa dos Coelhoos: funcionalidade e subsistência ao longo do Pleistocénico superior no sopé da Serra de Aire (Portugal)
Cristina Gameiro / Simon Davis / Francisco Almeida
- 375 O início do último máximo glacial no Sul de Portugal: novos dados a partir do sítio arqueológico de Vale Boi
Joana Belmiro / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 385 Sobre a definição e interpretação das tecnologias líticas bipolares em contextos pré-históricos
Pedro Horta / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 393 Abrigo da Buraca da Moira, Leiria: resultados preliminares do projeto Ecoplis
David Nora / Joana Pereira / Patrícia Monteiro / Eduardo Paixão / Sandra Assis / Marina Évora / Carlos Duarte / João Marreiros / Vânia Carvalho / Trenton Holliday / Telmo Pereira
- 403 Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o tardiglacial e o pré-boreal no Vale do Côa
Thierry Aubry / Cristina Gameiro / André Santos / Luís Luís
- 419 Reconstruir atividades humanas e formação de contextos conquíferos: microfácies sedimentares do Cabeço da Amoreira (Muge) e das Poças de São Bento (Sado) e o seu potencial interpretativo nos padrões de comportamento humano no Mesolítico
Carlos Duarte / Ana M. Costa / Vera Aldeias
- 433 Líticos em contexto – tecno-tipologia e distribuição espacial no concheiro mesolítico de Poças de S. Bento (Alcácer do Sal)
Diana Nukushina / Mariana Diniz / Pablo Arias
- 447 Arqueotematologia e coleções museológicas: estratégias e desafios para o estudo das práticas funerárias do passado
Rita Peyroteo-Stjerna
- 461 Fossas, fornos ou silos? O contributo do Barranco da Horta do Almada 1 (Beja) para a definição cronológica e funcional das estruturas negativas Mesolíticas e Neolíticas
Ana Rosa / Mariana Diniz
- 467 Para uma periodização da Pré-História recente do Norte de Portugal: da segunda metade do 4^o milénio aos finais do 3^o milénio aC
Susana Soares Lopes / Ana M. S. Bettencourt
- 489 A gestão do sílex durante o Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
Henrique Matias / César Neves
- 505 Tumulações da Pré-História recente do Centro/Norte litoral: o caso das Mamoas do Taco (Albergaria-a-Velha)
Pedro Sobral de Carvalho
- 519 Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no maciço calcário de Sicó
Fernando Silva / António Monteiro / Gertrudes Branco / Leonor Rocha
- 529 A arqueologia aérea: métodos e técnicas para a observação de dólmenes. O caso de Mora e Arraiolos
Arielle Câmara / Leonor Rocha / Teresa Batista
- 541 Intervenção arqueológica no projecto de “Recuperação e valorização da Anta do Carrascal” (Aigualva, Sintra)
Patrícia Jordão / Pedro Mendes / Cláudia Relvado
- 557 O uso do crânio em rituais da Pré-História
Carlos Didelet

- 563 Novos dados sobre as ocupações Neolíticas do centro de Lisboa
Helena Reis / Tiago do Pereiro / Nelson Cabaço / Rui Ramos / António Valera
- 575 As galerias de mineração de sílex de Campolide e o seu contexto Europeu.
Comparações e análise
Eva Leitão / Carlos Didelet / Guilherme Cardoso
- 581 O povoamento Neolítico em Avis: uma análise preliminar dos dados
disponíveis
Ana Cristina Ribeiro
- 591 Vila Nova de São Pedro (Azambuja), no 3º milénio, um sítio Calcolítico
no ocidente peninsular – contributos para um debate
Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 605 A ocupação humana do III milénio a.C. do Cabeço da Ervideira (Alcobaça)
João Pedro Vicente Tereso / Rita Gaspar / Cláudia Oliveira
- 619 O conjunto de pedra lascada da Ota: questões tecnológicas e socioeconómicas
Ana Catarina Basílio / André Texugo Lopes
- 631 “TO com cachet”: as eventuais cabanas subterrâneas do recinto de fossos
do Porto Torrão
Filipa Rodrigues
- 647 Potes para os mortos: ritual funerário e tecnologia cerâmica em contexto megalítico
Nuno Inácio
- 661 Os componentes de tear no Castelo de Pavia
Liliana Teles / Leonor Rocha
- 671 Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do Sudoeste
da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo)
Catarina Costeira
- 687 Broken Arrow: as pontas de seta dos povoados de São Pedro (Redondo,
Alentejo central)
Rui Mataloto / Diana Nukushina / Catarina Costeira
- 705 A pedra lascada nos *tholoi* do baixo Alentejo interior: notas preliminares
de casos de estudo
Ricardo Russo / Ana Catarina Sousa
- 723 Exploração de recursos aquáticos no final do Neolítico e Calcolítico: breve
revisão do registo faunístico
Sónia Gabriel / Cláudia Costa
- 741 Contributos para o conhecimento da componente animal dos recintos
de fossos calcolíticos. A fauna vertebrada de Montoito 2
Cláudia Costa / Rui Mataloto
- 753 Entre vales e escarpas. Estudo da fauna recuperada na Lapa da Mouração
(Porto de Mós, Leiria)
Ana Beatriz Santos / Cátia Saque Delicado
- 765 Reconstrução paleoambiental da margem Norte do rio Tejo através da análise
multiproxy de sedimentos recolhidos em contexto de obra com achados
arqueológicos
Ana M. Costa / M^ª. Conceição Freitas / Vera Lopes / César Andrade / Jacinta Bugalhão /
Pedro Barros
- 781 Análise preliminar dos padrões de localização das grutas com arqueologia
do centro e Sul de Portugal
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves / João Cascalheira

5. Proto-História

- 795 Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na bacia hidrográfica do rio Ave (Noroeste de Portugal)
Hugo Aluai Sampaio
- 809 A necrópole da Idade do Bronze do Corvilho (Santo Tirso): novos dados para a sua contextualização cronológica
Hugo Aluai Sampaio
- 819 Povoado de São Lourenço. Novos dados. Castro Daire, Viseu (CNS 5114)
Vitor Manuel da Silva Dias
- 833 O enterramento da Idade do Bronze da Gruta das Redondas (Carvalhal de Aljubarrota): um contributo para o estudo do Bronze antigo na Estremadura atlântica
João Carlos Senna-Martinez / Elsa Luís / Rita Matos / Pedro Valério / Maria de Fátima Araújo / João Tereso / Isabel Costeira
- 849 O sítio de fossas da Horta do Cabral 6. Contribuição para o conhecimento da Idade do Bronze na região do Torrão (Alcácer do Sal, Portugal)
Henrique Matias / Marco António Andrade / Cláudia Costa / Hugo Aluai Sampaio / Inês Simão / António Monge Soares / Rui Monge Soares / Patrícia Monteiro
- 865 Estudo paleoetnobotânico do Crasto de Palheiros na Idade do Ferro – uma análise carpológica
Margarida Isabel Leite / João Pedro Tereso / Maria de Jesus Sanches
- 877 A comparação como ferramenta de estudo de processos de representação e interacção: o caso de “Tartessos”
Pedro Albuquerque
- 887 Produções cerâmicas de inspiração grega no vale do baixo Tejo
Elisa de Sousa / João Pimenta
- 897 O metal de base cobre dos objectos de uso pessoal em sepulturas da I Idade do Ferro do Monte Bolor 1-2 (Beja)
Pedro Valério / Maria Fátima Araújo / António M. Monge Soares / Rui Soares / Lídia Baptista
- 907 A Azougada (Moura) e o sistema metrológico da Idade do Ferro pós-orientalizante do baixo e médio Guadiana
Ana Sofia Antunes
- 929 Os ossos trabalhados do Castro da Azougada (Moura, Portugal)
Mariana Nabais / Rui Soares
- 943 Janelas abertas sobre a Idade do Ferro: os queimadores de Mesas do Castelinho (Almodôvar)
Susana Estrela
- 955 O sítio arqueológico do Espigão das Ruivas (Cascais)
José d’Encarnação / Guilherme Cardoso

6. Arte Rupestre

- 969 E depois do Côa? A investigação de arte rupestre em Portugal desde 1995. Parte 1: a Sul do Tejo
Andrea Martins
- 991 Isto não é um afloramento! É uma rocha de arte rupestre. . . factores potenciais de escolha de superfícies de arte rupestre na fase antiga Paleolítica da Arte do Côa.
António Batarda Fernandes

- 1003 A arte rupestre da Gruta do Escoural – novos dados analíticos sobre a pintura Paleolítica
António C. Silva / Guilhem Mauran / Tânia Rosado / José Mirão / António Candeias / Carlos Carpetudo / Ana Teresa Caldeira
- 1021 A arte megalítica da Mamoa 1 do Taco (Albergaria-a-Velha, Aveiro).
Novos resultados
Lara Bacelar Alves / Pedro Sobral de Carvalho
- 1037 O Monte Faro – uma paisagem icónica da arte Atlântica Peninsular
Lara Bacelar Alves / Mário Reis
- 1053 Gravuras rupestres do Noroeste Português para além das artes Atlântica e Esquemática
Ana M. S. Bettencourt
- 1069 O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal).
Embarcações, armas, cavalos e ex-votos
Manuel Santos-Estévez / Ana M. S. Bettencourt
- 1085 Uma abordagem “multi-proxy” aplicada à conservação do sítio de arte rupestre de Cobragança, Mação, Portugal
Sara Garcês / Hugo Gomes / Vera Moleiro / Hugo Pires / Flávio Joaquim / Anabela Pereira / Luiz Oosterbeek

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1099 O projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da Aldeia de Pegarinhos (Alijó) – em busca das origens da romanização do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1109 O *corpus* dos mosaicos romanos do *conventus bracaravgvstanvs*
Fátima Abraços / Licínia Wrench / Cátia Mourão / Filomena Limão / Jorge Tomás García
- 1123 Vestígios de transformação de produtos no concelho de Castelo de Vide (Portalegre, Portugal) – inseridos no povoamento rural romano
Sílvia Monteiro Ricardo
- 1137 Novos dados sobre a ocupação de época Romana Republicana da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal): o espólio metálico
Francisco B. Gomes
- 1149 Reflexões em torno da jazida arqueológica Torre Velha 1 e a sua relação com o espaço e dinâmicas ocupacionais envolventes
Teresa Ricou Nunes da Ponte
- 1163 A ocupação Romana do Monte dos Toirais, Montemor-o-Novo. Um exemplo de arqueologia preventiva no contexto dos finais dos anos 90 (séc. XX)
Jorge Vilhena / Carolina Grilo
- 1177 A actuação votiva dos grupos de origem servil no Sul da Lusitânia
Sílvia Teixeira
- 1185 Ataegina uma Divindade Peninsular
Cristina Lopes
- 1193 Espólio de cerâmicas finas romanas e separadores dos fornos do Morraçal da Ajuda (Peniche, Portugal)
Eurico Sepúlveda / Guilherme Cardoso / Catarina Bolila / Severino Rodrigues / Inês Ribeiro
- 1205 As «marcas de oleiro» na *terra sigillata* de Vale de Tijolos (Almeirim) e as dinâmicas comerciais no *ager scallabitanvs* durante o principado
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Henrique Mendes

- 1219 Evidências de um espaço funerário. Vestígios de uma necrópole romana às portas de Scallabis
Carlos Boavida / Tânia Manuel Casimiro / Telmo Silva
- 1229 *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole Noroeste de Olisipo
Sílvia Casimiro / Francisca Alves Cardoso / Rodrigo Banha da Silva / Sandra Assis
- 1243 O espaço de necrópole Romana das Portas de Santo Antão, Lisboa
Nelson Cabaço / Alexandre Sarrazola / Rodrigo Banha da Silva / Liliana Matias de Carvalho / Marina Lourenço
- 1255 Pintura mural na Travessa do Ferragial, Lisboa
Raquel Henriques / António Valongo
- 1265 Aspetos construtivos do Teatro Romano de Lisboa: matérias-primas e técnicas edificativas
Lídia Fernandes
- 1279 Um contexto cerâmico e vítreo da primeira metade do séc. III d.C. do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa)
Raquel Guimarães / Rodrigo Banha da Silva
- 1293 Contextos Romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa
Helena Pinheiro / Raquel Santos / Paulo Rebelo
- 1305 As ânforas Romanas da nova sede da EDP (Lisboa)
José Carlos Quaresma / Rodrigo Banha da Silva / José Bettencourt / Cristóvão Fonseca / Alexandre Sarrazola / Rui Carvalho
- 1317 As ânforas de tipo *la Orden* na Lusitânia meridional: primeira leitura, importância e significado
Rui Roberto de Almeida / Carlos Fabião / Catarina Viegas
- 1331 Combustível para um forno: dinâmicas de ocupação de um espaço em Monte Mozinho (Penafiel) a partir de novos dados arqueobotânicos
Filipe Costa Vaz / Luís Seabra / João Pedro Tereso / Teresa Pires de Carvalho
- 1347 A necrópole de Alcoitão no contexto das práticas funerárias alto-Medievais do concelho de Cascais
Catarina Meira
- 1359 Paisagem e estratégias do povoamento rural Romano e Medieval no troço médio do vale do Guadiana
João António Ferreira Marques
- 1379 Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1393 Evolução da estrutura urbana de Santarém entre os séculos VIII e XIII: uma análise macroscópica a partir da localização das necrópoles Islâmicas
Marco Liberato / Helena Santos
- 1405 O povoamento rural Islâmico na *kura* de Alcácer do Sal: breve análise da toponímia
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1417 Manifestações lúdicas na cerâmica do *gharb al-Andalus*
Maria José Gonçalves / Susana Gómez Martínez / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes / Isabel Inácio / Marco Liberato / Constança dos Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco / Catarina Coelho

- 1431 Estuques decorados Islâmicos, do século XI, do castelo de Silves
Rosa Varela Gomes
- 1443 O sistema defensivo Medieval de Tavira – elementos ocultos por entre o casario
Jaquelina Covaneiro / Sandra Cavaco / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1455 A Porta de Almedina (Coimbra): observações no âmbito da recuperação
de fachadas na Torre de Almedina
Sara Oliveira Almeida
- 1469 A minha boca conta uma história: abrasão dentária e a sua relação com
actividade e hábitos pessoais numa amostra Portuguesa de época Medieval/
Moderna
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1481 Estudo arqueobotânico do povoado alto-Medieval de S. Gens: perspetivas
sobre a exploração de recursos lenhosos e agrícolas
Cláudia Oliveira / Ana Jesus / Catarina Tente / João Pedro Tereso
- 1495 Adornos de cavalo da época Medieval, provenientes das escavações do Castelo
de Almourol (1898)
Maria Antónia Athayde Amaral
- 1513 As marcas de canteiro da Sé de Lisboa
Sofia Silvério
- 1523 O comércio Medieval de cerâmicas importadas em Lisboa: o caso da Rua
das Pedras Negras nº 21-28
Filipe Oliveira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara Ferreira
- 1539 Construções em taipa de época Medieval e Moderna: o exemplo do Chiado
Vanessa Mata / Nuno Neto / Paulo Rebelo
- 1551 Rua do Arsenal 148, Lisboa. Resultados da escavação arqueológica
António Valongo
- 1567 Caracterização da ocupação Tardomedieval na Rua da Prata 221-231 e Rua
dos Correiros 158-168, Lisboa
Filipe Oliveira / João Miguez / Catarina Furtado / Cláudia Costa
- 1581 Breve apontamento sobre a Cerca (“velha”) Medieval de Lagos
Ana Gonçalves / Elena Mórán / Ricardo Costeira da Silva
- 1595 Aveiro em Quatrocentos: evidências materiais de um período (ainda) pouco
conhecido junto ao Mosteiro de Jesus (Aveiro, Portugal)
Ricardo Costeira da Silva / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1611 Resultados da intervenção arqueológica realizada nos nºs 54 a 58a da Rua
Direita, em Óbidos
Helena Santos / Marco Liberato / Romão Ramos

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1627 A cozinha e a mesa a bordo da fragata Portuguesa Santo António de Taná
(Mombaça, 1697): estudo de objectos metálicos e em madeira
Inês Pinto Coelho / Patrícia Carvalho / André Teixeira
- 1641 Resultados preliminares da primeira campanha da missão arqueológica
Portuguesa em Sharjah (EAU). Escavação arqueológica em Quelba/Kalba
Mário Varela Gomes / Rosa Varela Gomes / Rui Carita / Kamyar Daryoush Kamyab
- 1657 Novos dados acerca das formas de pão-de-açúcar: o caso do estudo das formas
descobertas na Rua Afonso de Albuquerque, Peniche (centro de Portugal)
Adriano Constantino

- 1667 A ala nascente do claustro do Convento de Jesus de Setúbal: resultados da intervenção arqueológica de 2015/2016
Nathalie Antunes-Ferreira / Maria João Cândido
- 1675 Os bens terrenos da Igreja da Misericórdia (Almada) – séculos (XVI-XVIII)
Vanessa Dias / Tânia Manuel Casimiro / Joana Gonçalves
- 1691 Cerâmicas Quinhentistas vidradas de um poço Medieval da Praça da Figueira (Lisboa)
Ana Isabel Barradas / Rodrigo Banha da Silva
- 1703 O sítio dos Lagares (Lisboa): um espaço pluricultu(r)al
Mónica Ponce / Filipe Oliveira / Tiago Nunes / Marina Pinto / Marina Lourenço
- 1715 Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) – séculos XV e XVI
Guilherme Cardoso / Luísa Batalha / Paulo Rebelo / Miguel Rocha / Nuno Neto / Sara Brito
- 1731 Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa)
Anabela Castro / Nuno Amaral de Paula / Joana Bento Torres / Tiago Curado / André Teixeira
- 1751 Os silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa)
Luísa Batalha / Nuno Neto / Pedro Peça / Sara Brito / Guilherme Cardoso
- 1767 Estruturas Pré-Pombalinas e espólio associado no Pátio José Pedreira (Rua do Recolhimento e Beco do Leão, freguesia Santa Maria Maior)
Anabela Joaquinoto
- 1781 Policromias e padrões: azulejos “de aresta” e “de corda-seca” do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa (séculos XV-XVI)
André Bargão / Sara Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1795 O contexto do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos: os contentores para líquidos
Rita Neves Silva / Rodrigo Banha da Silva
- 1809 A cerâmica Italiana dos séculos XV e XVI do Largo do Jogo da Bola em Carnide, Lisboa
Catarina Felício / Filipe Sousa / Raquel Guimarães / André Gadanho
- 1821 Dos objectos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa)
Carlos Boavida
- 1835 Uma lixeira nas Casas Nobres do Infantado
Tânia Manuel Casimiro / António Valongo
- 1849 Os potes *martaban* provenientes da antiga Ribeira Velha, Lisboa
Mariana Mateus / Inês Simão / Filipe Oliveira / Rita Souta
- 1863 Cerâmica Portuguesa azul sobre azul – séculos XVI e XVII
Luís Filipe Vieira Ferreira / Isabel Ferreira Machado / Tânia Manuel Casimiro
- 1873 Portas de madeira reutilizadas em cofragens de época Pombalina (Campo das Cebolas, Lisboa)
Cristóvão Fonseca / João Miguez / José Bettencourt / Teresa Quilhó / Inês Simão / Mariana Mateus / Teresa Freitas
- 1891 O conjunto de selos de chumbo proveniente do Campo das Cebolas, Lisboa
Inês Simão / João Miguez
- 1901 Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. Alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de Lisboa
Inês Simão / João Miguez / Marta Macedo / Teresa Alves de Freitas / Cristóvão Fonseca / José Bettencourt

- 1915 A dimensão marítima do Boqueirão do Duro (Santos, Lisboa) nos séculos XVIII e XIX: primeiros resultados arqueológicos
Marta Lacasta Macedo / Inês Mendes da Silva / Gonçalo Correia Lopes / José Bettencourt
- 1925 Arqueotematologia Moderna/Contemporânea: práticas funerárias e cronologia relativa no adro da Igreja de Santa Maria dos Anjos, Valença
Luís Miguel Marado / Luís Fontes / Francisco Andrade / Belisa Pereira
- 1933 Fragmentos do quotidiano no Terreiro do Real monumento de Mafra (1717-2017)
Ana Catarina Sousa / Marta Miranda / Ricardo Russo / Cleia Detry / Tânia Manuel Casimiro
- 1953 O projecto Muge 1692: entre a arqueologia da arquitectura e a reconstrução virtual
Gonçalo Lopes
- 1967 A flora arqueológica da Quinta do Medal (Mogadouro) e a exploração de recursos vegetais durante os séculos XVIII/XIX no Vale do Sabor
Leonardo da Fonte / João Tereso / Paulo Dordio Gomes / Francisco Raimundo / Susana Carvalho
- 1979 Os vidros de Baía da Horta 1 (Ilha do Faial, Açores) enquanto vector de interpretação de um contexto disperso
Tiago Silva / José Bettencourt
- 1993 Baía da Horta 6 (BH-006): um provável naufrágio Americano do século XIX
José Bettencourt / Teresa Quilhó / Cristóvão Fonseca / Tiago Silva
- 2011 A ferro e fogo – a Fundação Vulcano & Collares, Lisboa
João Luís Sequeira / Inês Mendes da Silva
- 2023 Projecto Casa Museu Fialho de Almeida, Cuba – valorização do território e arqueologia preventiva, resultados do acompanhamento arqueológico
Francisca Bicho / Luís Fialho / Consuelo Gomes / Teresa Ricou

Prefácio

Em 2013 a Associação dos Arqueólogos Portugueses celebrou os seus 150 anos de actividade com várias iniciativas, destinadas a diferentes tipos de público, as quais constituíram um importante marco na afirmação pública da vitalidade e do dinamismo desta centenária instituição. Entre essas iniciativas merece natural destaque o seu I Congresso, o qual veio preencher uma importante lacuna no calendário da actividade arqueológica em Portugal. Com efeito, desde 1980 que não se realizava nenhum Congresso Nacional de Arqueologia, apesar de se terem multiplicado, nos últimos 20 anos, as reuniões científicas de carácter regional ou temático, um pouco por todo o país.

O I Congresso, sem pretender ser “nacional”, acabou por o ser, devido ao amplo acolhimento que mereceu por parte dos arqueólogos de todo o país e de todas as áreas de actividade, congregando várias gerações, o qual se pode resumir nos 250 inscritos, nas 105 comunicações e 36 posters apresentados e discutidos, em três dias de intensa actividade, e na obra *Arqueologia em Portugal 150 anos*, com mais de 1500 páginas, oportunamente publicada, em versão “analógico-digital”, que se encontra completamente esgotada.

Passados quatro anos, a AAP decidiu convocar de novo a comunidade arqueológica para apresentar os resultados da sua actividade mais recente. Mais uma vez, a adesão foi excelente, com 153 participações, correspondendo a 110 comunicações e 43 posters, que deram origem ao volume que agora se apresenta, o qual, além do programa e dos resumos, inclui em anexo um cartão-pen com cerca de 2100 páginas.

A qualidade e diversidade dos textos apresentados mostram bem que, apesar do enorme retrocesso que se tem verificado, desde 2007, no domínio do enquadramento institucional da Arqueologia, no âmbito do Ministério da Cultura (com a sucessiva extinção do IPA e o desinvestimento e dispersão dos seus serviços mais inovadores e emblemáticos, por instalações inadequadas, a despromoção e desmotivação dos seus escassos quadros técnico-científicos), os arqueólogos portugueses continuam a demonstrar uma notável resiliência, lutando, em terra e no mar, por vezes em condições extremamente difíceis, por aquilo em que acreditam, produzindo trabalhos de investigação de grande nível internacional, nas mais variadas áreas da Arqueologia. Podem, assim, continuar a contar com o apoio da AAP na defesa dos seus legítimos interesses e aspirações, alertando a opinião pública e as entidades responsáveis pela salvaguarda e valorização de um património que a todos pertence, sempre que for necessário.

A publicação em tempo útil desta obra, que teve o apoio financeiro da Fundação Millennium BCP, não teria sido possível sem o cumprimento rigoroso das normas e prazos de publicação pela maior parte dos autores, e sem a dedicação de um pequeno grupo de sócios e colaboradores, coordenados por Andrea Martins, e o profissionalismo e a criatividade do designer Paulo Freitas. Para todos o nosso sincero agradecimento.

José Morais Arnaud

(Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses)

OS COMPONENTES DE TEAR NO CASTELO DE PAVIA

Liliana Teles¹, Leonor Rocha²

RESUMO

O presente trabalho estuda um conjunto de materiais em cerâmica, designados como componentes de tear, do sítio do Castelo de Pavia, Mora. Este sítio foi escavado por Vergílio Correia no início do século XX. Com este trabalho apresenta-se um estudo tipológico e tecnológico dos materiais para elaborar uma possível aproximação à sua funcionalidade. Os dados obtidos foram então enquadrados no panorama regional para poder comparar as suas dimensões e características com os parâmetros regionais. Os componentes de tear são artefactos cerâmicos bastantes característicos nos povoados calcolíticos no Sul da Península Ibérica, sendo um elemento de grande importância para o estudo das transformações agro-pastoris e artesanais que caracterizavam estas comunidades, sendo uma expressão visível nas transformações 3^o milénio a.n.e.

Palavras-chave: Componentes de tear, Castelo de Pavia, Placas, Crescentes, 3^o milénio a.n.e.

ABSTRACT

The present work studies a set of ceramics materials, properly designated loom components, from the Pavia Castle site, in Mora. This place was firstly excavated by Vergílio Correia in the beginning of the 20th century. With this essay there's a presentation of the typological and technological studies of the materials, in order to elaborate an approximation to their functionality. The data were framed in the regional panorama so there could be a comparison between the dimensions and characteristics with the regional parameters. The loom components are ceramics artefacts distinctive from the chalcolithic villages in the South of the Iberian Peninsula. They're of vastly importance for the study of agricultural, pastoral and handicraft transformations that were typical of these communities, being a visible manifestation of the 3rd millenium BCE transformations.

Keywords: Loom Components, Pavia Castle, Loom weight, Crescent-shaped, 3rd Millenium BCE.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende demonstrar o estudo elaborado do conjunto de componentes de tear do Castelo de Pavia (Pavia – Mora), escavado por Vergílio Correia nos inícios do século XX, desde sempre fora bastante citado em artigos e monografias relativos ao estudo dos componentes de tear, devido ao vasto conjunto que o autor descrevia na sua obra, *El Neolítico de Pavia* (Correia, 1921).

Neste trabalho temos como objectivo elaborar uma análise morfológica e tecnológica do conjunto – placas e crescentes – com a finalidade de tentar uma aproximação à sua funcionalidade, assim como o seu enquadramento no panorama regional.

A elaboração da análise morfológica e tecnológica

é conseguida através de uma ficha descritiva e de uma tipologia, esta adaptada da monografia sobre os Componentes de Tear do Povoado de São Pedro (Redondo) (Costeira, 2010).

Devido à metodologia de escavação utilizada na época, o registo dos contextos estratigráficos ficaram muito deficitários, não sendo possível enquadrar os materiais a níveis estratigráficos, para poder tentar encontrar alguma área funcional ou elementos que nos atestem a produção destes materiais, daí o estudo se basear na componente tecnológica e morfológica incidindo sobretudo numa comparação com os dados existentes nas áreas regionais adjacentes.

Iremos começar por enquadrar o sítio, o estudo dos componentes e de seguida a análise do conjunto, tendo por fim algumas considerações finais a tecer

1. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; lteles@campus.ul.pt

2. Universidade de Évora; lrocha@uevora.pt

sobre a sua possível funcionalidade e o seu enquadramento no Ocidente Peninsular.

2. ENQUADRAMENTO DO SÍTIO – CASTELO DE PAVIA

O Castelo de Pavia, localiza-se no Alentejo Central, distrito de Évora, município de Mora, freguesia de Pavia. Trata-se de um povoado calcolítico, escavado por Vergílio Correia, entre 1914 e 1918, altura em que o investigador procedia, também à escavação de momentos megalíticos funerários da área de Pavia.

O Castelo de Pavia localiza-se na extremidade Norte do Distrito de Évora, perto do distrito de Santarém e Portalegre, na transição, segundo a carta das Regiões Naturais do Atlas do Ambiente, da região natural do Ribatejo, como do Alentejo, sub-região da Charneca de Ribatejo – Sul. Em termos geológicos abrange, essencialmente, duas formações: nas extremidades da bacia terciária do Tejo e o substrato antigo, na maior parte constituído por granites que condicionaram o povoamento desta área (Rocha, 1998). (Figura 1)

Em relação à rede hidrográfica, a área de Pavia pertence à bacia do rio Sorraia, subsidiária da margem esquerda do Tejo. Em termos gerais, as ribeiras apresentam uma grande irregularidade fluvial, de estiação mais severa e escoamento mais concentrado, no verão. (Rocha, 1998: 25-26)

Em termos pedológicos, a área insere-se numa mancha de complexo gresoso-argiloso e conglomerático dos planaltos, predominando os solos sem qualquer aptidão agrícola (classe D e E), de acordo com os parâmetros actuais. (Rocha, 1998)

O Castelo de Pavia encontra-se num esporão acentuado na margem esquerda da Ribeira de Têra, de encostas íngremes, numa área em que a ribeira se encontra bastante encaixado, o que revela preocupações de carácter defensivo, sendo uma potencial estrutura defensiva (um muro de pedra cerca de um metro), encontrado por Vergílio Correia. (Correia, 1921: 12)

No interior do recinto, o autor identificou umas manchas de sedimento escuro de contorno semi-circular ou elíptico, onde estaria o material arqueológico, interpretando-o como vestígios de cabanas. (Correia, 1921: 13) As características do espólio recolhido por Vergílio Correia atestam uma ocupação do Calcolítico pleno, contudo existem alguns materiais (como bordos almendrados) que podem remeter para uma ocupação deste local já no Calco-

lítico inicial (neste caso, coexistindo com o povoado de Pavia, localizado a menos de um metro o que não deixa de ser estranho) ou, existir uma sobrevivência deste tipo de materiais até mais tarde. Em relação a este assunto, as opiniões existentes podem ser algo divergentes, e neste caso, de difícil clarificação dadas as condições do registo realizado. (Rocha, 1999; Andrade *et al.*, 2016: 45)

O conjunto é assim, genericamente, constituído por elementos de mó, um vasto número de machados, grandes lâminas retocadas e pontas de seta de base côncava e de aletas de sílex, uma grande quantidade de pratos de bordo espessado, alguma cerâmica com decoração simbólica, muitas dezenas de elementos de tear, quer placas, quer crescentes, sendo estes o conjunto em estudo.

A metalurgia do cobre está atestada quer por artefactos metálicos e de um algarviz de barro, indicando uma possível área de actividade metalúrgica, sendo a única que se conhece na área de Pavia. (Rocha, 1999; Andrade *et al.*, 2016: 45)

Relativamente ao povoamento da Pré-história recente, esta é uma área de elevada concentração de monumentos megalíticos e de vestígios de habitat. Para além dos trabalhos realizados nos inícios do séc. XX por Vergílio Correia (Correia, 1921), a área de Pavia teve outros trabalhos arqueológicos, como os de Irisalva Moita na década de 50 do séc. XX (Moita, 1956) e, mais recentemente os de Leonor Rocha que tem vindo a desenvolver projectos de investigação nesta região desde 1994, em torno do megalitismo, do povoamento e arte rupestre (Rocha, 1999, 2005).

3. PLACAS E CRESCENTES

Enquadramento ao estudo

Os componentes de tear – placas e crescentes – são presenças quase constantes nos contextos relacionados com as comunidades calcolíticas do Ocidente Peninsular, mesmo que, por vezes, encontradas em menor número, surgem tanto nas áreas habitat como em necrópoles.

Durante muito tempo, pelo menos até aos anos 70/80 estes materiais eram algo enigmáticos, sendo alvo de diversas interpretações.

De facto, no final do século XIX e inícios do século XX a referência aos pesos de tear surgia com relativa frequência nas diversas publicações da especialidade, desde Estácio da Veiga (1889), Leite Vasconcellos (1916, 1918 e 1929), Vergílio Correia

(1914,1921), e Afonso do Paço (1940,1953,1961), apresentando-se diversas interpretações para estes materiais. Os pré-historiadores não estavam totalmente de acordo, alguns consideravam-nos pesos de tear, outros elementos de fornos de fundição ou de aplicação indeterminada, também há época teriam uma área limitada – centro do país e sudoeste espanhol. (Paço: 1940)

Ainda, contrariamente às placas, o estudo dos pesos tipo crescentes era pouco aprofundado e por menorizado, não sendo consensual para a maioria dos autores, Vergílio Correia era dos poucos autores que considerava os crescentes como peso de tear, a maioria considerava-os possíveis objectos de adornos ou elementos de fundição metalúrgica. (Costeira, 2012: 27)

Com o avançar do século, nomeadamente, nos últimos anos da década de 80 assistiu-se a uma mudança no estudo e análise dos componentes de tear – placas e crescentes – motivadas pelas análises morfotecnológicas que então marcavam a arqueologia portuguesa, passam a ser, assim, quantificados e contextualizados quer espacialmente quer cronologicamente nos sítios encontrados, coisa que até então não acontecia. (Costeira, 2012: 27)

Os anos 90 do séc. XX, foram marcados pela tentativa de normalização do estudo dos componentes de tear, aparecendo as primeiras teses sobre o assunto, não só sobre o enquadramento espacial, como também as suas relações com as técnicas de tecelagem, ganharam um novo destaque. (Diniz, 1994; Gomes, 2003; Costeira, 2012: 27)

Apesar da denominação “peso de tear” continuar bastante intrínseca na comunidade académica, tende-se, cada vez mais, a procurar um nome mais abrangente à possível funcionalidade destes materiais para a tecelagem. Contudo encontrar testemunhos no registo arqueológico, em Portugal, que ajude a comprovar a tecelagem é uma problemática bem inscrita na arqueologia portuguesa que estuda os povoados calcolíticos e consequentemente as transformações do quotidiano no 3º milénio.

Os componentes de tear no castelo de Pavia

Com o estudo do conjunto do Castelo de Pavia pretende-se dar a conhecer os materiais e como se integram no panorama regional do 3º milénio a.n.e. Podemos considerar estas placas e crescentes como componentes de tear, isto é, artefactos imprescindíveis na tarefa de tecer, podendo desempenhar

diversas funções no mecanismo e não unicamente como “peso de tear”, designação ainda utilizada no vocabulário da comunidade académica.

A placa é um artefacto, normalmente, cerâmico podendo também existir em outras matérias-primas, como osso, pedra ou madeira, apesar de estes serem mal documentados na arqueografia portuguesa, devido às más condições inerentes ao nosso clima e solos. A placa pode ser rectangular ou quadrangular, com múltiplas perfurações. Os crescentes, também em cerâmica têm uma forma curva com alguma variabilidade na morfologia da secção (desde o circular até ao mais rectangular) e usualmente possui 2 perfurações.

Utilizando e adaptando a ficha descritiva elaborada no âmbito do estudo dos Componentes de Tear no povoado de S. Pedro (Costeira 2010), descrevemos este conjunto, para que seja mais fácil comparações com outros conjuntos, tentando batalhar para uma normalização de conceitos e características, que se têm desenvolvido desde o início do século XXI.

Como tal esta ficha foi organizada em cinco partes:

- I) Localização (número de inventário e local de depósito, visto que parte das peças encontram-se expostas no Núcleo Regional do Megalismo de Mora e as restantes no Museu Nacional de Arqueologia);
- II) Morfologia;
- III) Caracterização métrica;
- IV) Perfurações e a sua caracterização métrica;
- V) Análise tecnológica;

No que concerne às decorações, apesar de Vergílio Correia ter constantemente afirmado existirem algumas peças decoradas, até então só foi encontrada uma peça com possível decoração em espiga. Quanto aos vestígios de uso, a tentativa de observar o desgaste das perfurações era uma tarefa ambiciosa para o tempo e a dimensão do artigo e haveria que ter em conta quer os erros humanos (que poderia resultar do processo de fabrico das perfurações), que é observável em várias peças do conjunto, como também a possível reutilização de perfurações levando a um conjunto de vestígios que poderia conduzir a erros de interpretação. (Boaventura, 2001)

No Castelo de Pavia, encontraram-se um total de 114 componentes, estes constituídos por placas e crescentes, contudo é visível uma grande discrepância nos materiais aí encontrados, sendo maioritariamente placas, 101 peças, e apenas 13 crescentes.

É visível no conjunto uma grande conservação dos

materiais, estando integralmente mensuráveis 111 peças, sendo os crescentes que estão mais fragmentados, com 2 peças com topo e perfuração e 2 peças contendo unicamente o fragmento mesial (Gráfico 1). Relativamente às placas, estas caracterizam-se por apresentarem uma forma rectangular, podendo-se observar uma diversidade de variantes, sobretudo através dos contornos, que nos permitem definir diferentes tipos, que consecutivamente se organizam em diversas variantes segundo as características das arestas/cantos e número e localização das perfurações. (Costeira, 2013)

No conjunto de Pavia, das 101 placas podemos distinguir entre rectangular e quadrangular, entre estas têm algumas variantes:

- Placa rectangular de arestas vincadas/angulosas com cantos angulosos (P.I.1);
- Placa rectangular de arestas arredondadas com cantos arredondados (P.I.2);
- Placas ovaladas (P.II);
- Placas Hiperbolóides (P.III).

No Castelo de Pavia a variante predominante são as placas de arestas arredondadas e de cantos arredondados, com 44 peças, de seguindo-se as placas ovaladas, com 29 peças e as placas com menos expressão são as placas rectangulares de arestas vincadas e de cantos angulosos e as hiperbolóides, a primeira com 29 peças e a última com 5 peças. Esta tendência é semelhante à registada no povoado de S.Pedro (Redondo), com 707 das placas tipo P.I.2, mas diferente do que ocorre no povoado do Pombal (Monforte), onde a tendência gira em torno das placas de arestas vincadas e angulosas com cantos angulosos. Esta variabilidade pode, não só estar modelação da peça, mas também á sua funcionalidade no mecanismo de tecer e eventualmente a factores tafonómicos que podem erodir as peças. (Boaventura, 2001; Costeira, 2012) (Gráfico 2).

Em relação às perfurações só existem 3 placas com 2 perfurações, sendo as restantes de 4 perfurações, estas, maioritariamente, junto as extremidades, sendo uma quantidade mínima as placas que têm as perfurações centradas. As placas com 2 perfurações têm as perfurações, também, junto às extremidades laterais.

Em termos métricos a variabilidade está presente nas diferentes formas, contudo não altera muito consoante o tipo, as placas rectangulares têm um comprimento entre 5-12 cm, largura entre os 2-8 cm e um espessamento entre os 0,8 e os 3 centímetros, com um peso que ronda entre os 15 e os 235 gramas, as placas ovaladas, também têm valores métricos similares às placas rectangulares, mas são um pouco mais robustas, mesmo que o comprimento seja entre 5-12 cm e a largura entre os 3 e os 7 cm, estas rondam, maioritariamente os números mais altos, com pesos entre os 20-220 gramas; as placas hiperbolóides, são um conjunto deficitário, com uma amostra de 5 placas, contudo estas têm traços também robustos, com um comprimento entre os 7-10 cm e uma largura entre os 3 e os 4 cm, pesando entre 70-95 gramas.

Relativamente às características métricas os valores são bastante similares com os registados em outros povoados do Alentejo, junto à margem esquerda do Guadiana, sendo bastante díspar com os valores da Beira Alta e Trás-os-Montes, é possível ver através da comparação na tabela abaixo com o sítio de Freixo Numão. (Costeira, 2012) Também é possível observar que o conjunto de componentes de Tear do Castelo de Pavia referente ao Índice de Espessamento e o Índice de Alongamento encontrasse entre as duas áreas regionais, Estremadura e Alentejo, com números diferentes de ambas as áreas, tendo uma variedade métrica de placas que não se enquadra directamente em nenhuma das áreas (Tabelas 1 e 2).

	Castelo de Pavia	S. Pedro	Pombal	Freixo Numão
Comprimento	5 – 12 cm	6 – 13 cm	5,1 – 10,3cm	11 – 13 cm
Largura	2 – 8 cm	1 – 6 cm	1,6 – 6 cm	6,4 – 9,2 cm
Espessura	0,8 – 3 cm	0,5 – 3,5 cm	1 – 2cm	2 – 4 cm
Peso	20 – 235 gr.	10 – 230 gr.	10 – 115 gr.	180 – 350 gr.

Tabela 1 – Tabela comparativa dos valores métricos em vários povoados do Alentejo e também na área das Beiras Altas.

	Castelo de Pavia	Pombal	Estremadura	Alentejo	Beiras Altas e Trás-os-montes
IA	70-85	33-53	80-250	28-51	140-200
IE	20-40	10-21	20-60	10-20	35-60

Tabela 2 – Tabela Comparativa dos Índices de Alongamento (IA) e nos Índices de Espessamento (IE) nas várias áreas regionais (Costeira, 2010).

Como se referiu anteriormente, os crescentes têm pouca expressão no sítio, tendo sido encontrados um total de 13 exemplares. Contudo, há que ter em conta a falta de metodologia à época e a recolha de artefactos inteiros poder ser preferida em relação á recolha de fragmentos. Se tomarmos em conta o facto dos crescentes serem mais fáceis de fracturar devido à sua morfologia ou pasta, o que está implícito em vários povoados onde a grande maioria das peças são fragmentos, é provável que este valor esteja subvalorizado no Castelo de Pavia.

Em termos gerais, dos crescentes recolhidos neste estão inteiros, ou já foram colados 10 peças, sendo as restantes 3 fragmentos, 2 de topo e 1 mesial. Relativamente à amostra, são maioritariamente sub-rectangulares, existindo unicamente 3 peças com secção circular.

O conjunto apresenta valores métricos balizados entre os 8,3 e os 10, 3 cm de comprimento, 1,3 e os 2,2 de largura, e 0,7 e 1,1 cm de espessamento, pesando entre as 20 e 30 gramas. Mais uma vez se verifica que estes valores se aproximam dos registados no povoado de S. Pedro (Redondo), e dos valores dos povoados da margem esquerda do Guadiana. (Costeira, 2012)

O número de perfurações é constante, isto é, duas perfurações, localizadas próximas das extremidades. Relativamente à tecnologia destes componentes (placas e crescentes) são maioritariamente, fabricados com pastas compactas e semi-compactas, com uma grande quantidade de componentes não plásticos, desde feldspatos, aos quartzos, micas, biotites e hematites, tendo maior expressão elementos de médias e grandes dimensões. Com uma cozedura em grande parte oxidante, ainda que com algumas peças com cozedura redutora (35 peças), o seu tratamento de superfície é maioritariamente alisado, existindo ainda 27 peças polidas. Estas técnicas são prova que estes materiais são feitos com uma consistência e uma boa resistência, o que poderá ser um bom indicador do papel funcional destes elementos. (Boaventura, 2001) (Figuras 2 e 3).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os componentes de tear do Castelo de Pavia são mencionados em artigos da especialidade, desde o início do século XX. Este conjunto formal e tecnológico tem uma grande variabilidade, quer na morfologia dos materiais quer nas suas medidas, o que pode indiciar diversas funcionalidades inerentes ao mecanismo de tecer.

Com o estudo específico dos componentes de tear, tem-se procurado evoluir na investigação sobre a tecelagem e várias aproximações aos mecanismos de tecer, pois sem elementos físicos de tais mecanismos ou de produção destes componentes é de elevada dificuldade compreender a funcionalidade destes elementos.

Relativamente à quantidade de placas e à sua morfologia, as suas subvariantes, diversidade métrica o posicionamento das suas perfurações, tornam possível, em conjectura, a sua utilização para um tear de placas, proposto por Cardito Rolan, este propunha que as placas podiam servir para separar os fios da urdidura no tear e não só um peso, como grande parte dos investigadores ainda consideram tal hipótese. (Rollan, C., 1996: 130; Costeira, C., 2010)

Os teares de placas compõe-se por placas poligonais com número variável de perfurações, localizadas nas extremidades destas, tendo um suporte, provavelmente, diversificado desde troncos de árvores e postes, estacas cravadas no solo onde o fio da urdidura ficava presa. As placas sendo peças muito variadas têm de ser relativamente homogéneas, isto é, devem ser utilizadas placas similares na mesma série para que não haja distorções no tecido e garanta a operacionalidade do tear. (Costeira, 2010: 41)

O mecanismo baseia-se na alternância de uma série de fios da urdidura mediante a rotação das placas, o que permite o entrelaçamento para a produção do tecido. Os tecidos produzidos nestes teares deviam ser mais são alongados, sendo as restantes características determinadas pela quantidade e direcção da rotação, como também o número e localização das perfurações nas placas. (Idem, Ibidem)

Enquanto o tear de pesos, sendo o mais normalizado nos estudos sobre tecelagem. A urdidura é montada em posição vertical com a parte superior presa em diversos suportes e a interior preso a elementos que garantem a tensão com o seu peso, com esta estrutura é possível a produção de tecidos complexos, de grandes dimensões e decorados. (Idem, Ibidem) Os componentes que exercem a função de peso podiam, por um lado, ser produzidos com medidas diversificadas e em número variável de perfurações em função da quantidade de fios utilizados. (Idem, Ibidem)

Relativamente às perfurações e a sua quantidade, à que ter em conta que as placas com 4 perfurações podem ser posicionadas horizontalmente, o que permitia uma melhor rentabilização dos componentes. (Boaventura, 2001) Contudo, há que ter em conta a necessidade de se possuírem séries normalizadas de placas para garantir a sua operatividade.

Relativamente, aos materiais que foram encontrados no Castelo de Pavia, a sua diversidade morfológica leva-nos a considerar a possibilidade de existirem diferentes tipos de teares (placas e crescentes) como também se deve de ter em conta o tear de pesos, pois uma possibilidade não invalida a outra.

Contudo, há que ter em conta, também, a normalização das séries, isto é, a necessidade de medidas e características homogêneas para o mecanismo operar de forma útil.

Devido à diversidade que se encontra no Castelo de Pavia, quer métrica quer de características morfológicas pode-se conjecturar a utilização de vários mecanismos de tear para a produção de tecido, consoante as necessidades que tinham.

Situando-se a área de Pavia ainda numa área de circulação, isto é, pode-se considerar um corredor de circulação entre a Estremadura (quer portuguesa, quer espanhola) e o Alentejo, que se situaria na zona da Charneca do Ribatejo, ou seja, ligava pelo Rio Sorraia, afluente do Rio Tejo, através da Ribeira de Têra à Serra d'Ossa e à área do Guadiana. Esta localização poderia colmatar a discrepância de componentes de tear que encontramos entre os povoados da Estremadura e a abundância que existe nos povoados alentejanos, podendo traduzir-se então em trocas comerciais, necessitando estes povoados alentejanos de uma produção especializada. (Costeira, 2010)

Relativamente aos crescentes, é de maior dificuldade conjecturar a sua funcionalidade devido à sua amostra ser bastante deficitária. Estes têm uma morfolo-

gia peculiar, Sérgio Gomes sugere que em termos métricos quer dos crescentes quer das suas perfurações estes assemelham-se as placas rectangulares. (Gomes, 2003: 117)

Colocando como hipótese, tal como Rui Boaventura, a possibilidade de um tear com pesos em forma de crescente, apresentam uma morfologia que dá continuidade às técnicas dos teares com placas de 2 perfurações sendo estes mais adequados à sua utilização em teares verticais de pesos. Colocados perpendicularmente à trave que segura a urdidura permite uma maior aproximação entre os fios e consequentemente um tecido mais resistente. (Gomes, 2013)

Existindo a hipótese de coexistir em várias técnicas de tecer, visto os crescentes terem uma similitude morfológica com as placas rectangulares de 2 perfurações, remetendo para uma forte associação entre si. No Castelo de Pavia, quer os crescentes quer as placas rectangulares de duas perfurações são minoritárias no conjunto do sítio, sendo difícil associá-los a um mecanismo de tecer, sendo necessário, ter em atenção, da possibilidade, de como se referiu anteriormente, as peças recolhidas serem uma percentagem do total existente.

Relativamente ao enquadramento cultural dos componentes de tear, numa macro escala seriam separados entre o Norte e Centro com placas robustas, enquanto a Sul (Alentejo e Algarve) teriam características mais delicadas, ocorrendo dois grandes grupos, as placas e os crescentes.

Em termos gerais, parece ser possível dividir o actual território português em áreas regionais, com características diversificadas, o que pode advir de necessidades específicas, quer ao nível da matéria-prima, climática ou mesmo a distintas tradições de tecelagem. (Costeira, 2010)

Existe então o Norte litoral com as áreas de Trás-os-Montes e Beiras Altas, onde existem placas, rectangulares e ovaladas, com características métricas muito robustas, 2 a 4 perfurações localizadas em zonas diversificadas, tal é possível observar com o estudo do Castro de Santiago, Fornos de Algodres e raros crescentes. (Valera, 1997; Costeira, 2012)

Na área da Estremadura a forma de componente de tear mais expressiva é a placa, rectangulares, quadrangulares ou ovaladas, com medidas mais curtas, menos espessas e mas curtas, relativamente ao que se observa no Norte, e onde os crescentes continuam a ser realidades circunscritas. (Diniz, 1994; Branco, 2007; Costeira, 2012)

No Alentejo é característico os crescentes e as placas, aparecendo em abundância nos povoados, algo que não acontece, com a mesma expressividade nos povoados Estremadura. Nesta área encontra-se uma grande variedade de formas, sendo estas mais leves, menos espessas e mais curtas do que se encontra quer a Norte, quer na Estremadura, o que atesta também, uma maior component da pastorícia nesta área. Apesar do Castelo de Pavia, se encontrar localizado no Alentejo Central apresenta características métricas que não se enquadram nem Estremadura, nem no Alentejo, parecendo ser, uma área de confluência destas duas áreas, um ponto de ligação entre estes dois territórios, tão distintos em alguns componentes no 3^a milénio a.n.e.

Por último, temos a região do Algarve, caracterizada pela quantidade de crescentes e a inexistência de placas. No entanto, na Andaluzia existem casos de placas associadas a crescentes, o que ainda não foi encontrado na região Algarvia. (Costeira, 2012; Gonçalves, 1989)

A imagem que, no estado actual dos nossos conhecimentos existe do Ocidente Peninsular, relativamente à dispersão dos componentes de tear, permite supor a existência de especificidades regionais com diferentes técnicas de tecelagem, associados a diferentes estilos e tradições culturais que podem circular, como as cerâmicas ou os materiais de preséio ao longo das regiões.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Marco; COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2016) – Placas de Xisto Gravadas em Contexto de Povoado o caso do Castelo de Pavia (Mora). *Almadan*. Série II (tomo 20), pp. 43-53.

ARNAUD, José Morais; GONÇALVES, João Ludgero (1995) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigação. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 2, pp. 11-40.

BOAVENTURA, Rui (2001) – O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. (*Trabalhos de Arqueologia*, 20).

BRANCO, Maria Gertrudes (2007) – A Pedra de Ouro (Alenquer): uma leitura actual da colecção Hipólito Cabaço. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. (*Trabalhos de Arqueologia*, 49).

DINIZ, Mariana (1994) – Pesos de tear e tecelagem no calcolítico em Portuga. In *Trabalhos de Antropologia e etnologia*.

Porto. *Actas do Primeiro Congresso de Arqueologia Peninsular* 34: 3-4, pp. 133-149.

CARDITO RÓLLAN, Luz M. (1996) – Las manufacturas textiles en la prehistoria: Las placas de telar en el Calcolítico Peninsular. *Zephyrus*. Salamanca. 49, pp. 125-145.

CORREIA, Virgílio (1914) – Os pesos de Tear. *Revista a Águia – Órgão da Renascença Portuguesa*. Porto. Série 2,6, pp. 176-181.

CORREIA, Virgílio (1921) – El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal). Madrid. Comisión de Investigaciones Paleontológicas e Préhistóricas (*Memorias* 27), pp. 22-24.

COSTEIRA, Catarina (2010) – *Os Componentes de Tear do Povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central)*, 3^o Milénio a.n.e., Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

COSTEIRA, Catarina (2012) – Placas e crescentes – Análise de um conjunto de componentes de tear do sítio arqueológico de S. Pedro (Redondo), 3^o milénio a.n.e. *Arqueologia e História*, pp. 23-37.

COSTEIRA, Catarina (2013a) – Os Componentes de tear do sítio arqueológico Alto de Briches 3 (Serpa, Baixo Alentejo). *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. pp. 596-624.

COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2013b) – Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central). *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, pp. 623-667.

GOMES, Sérgio (2003) – *Contributos para o estudo dos “pesos de Tear” de castelo Velho de Freixo Numão (Vila Nova de Foz Côa): Exercícios de interpretação do registo arqueológico*. Porto. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Edição policopiada).

GOMES, Sérgio (2013) – “Tecelagem Pesca: os pesos”. In Valera, A.C. (org.) – *As comunidades agro pastorais na margem esquerda do Guadiana (2^a metade do IV aos finais do II milénio AC)*. EDIA. Colecção Memórias d’Odiária, pp. 109-126.

GONÇALVES, Victor (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: Uma aproximação integrada*. Lisboa: UNIARQ; INIC., 2 vols.

GONÇALVES, Victor (2003) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos: leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais: Câmara Municipal.

MOITA, Irisalva. (1956) – Subsídios para o estudo do Eneolítico do Alto Alentejo. *O Arqueólogo Português*. III. Lisboa, pp. 135-176.

PAÇO, Afonso (1940) – Placas de Barro de Vila Nova de S. Pedro. *Congresso do Mundo Português. Vol.I / Memórias e comunicações apresentadas ao congresso de Pré e Proto-História*, Lisboa, pp. 236-249.

ROCHA, Leonor (1998) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da pré-história Regional*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ROCHA, Leonor (2005) – *As origens do megalismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

VALERA, António (1997) – *O castro de Santiago (Fornos de Algodres – Guarda)*. Aspectos da calcolitização da bacia do Alto Mondego. Lisboa: Câmara Municipal de Fornos de Algodres. (*Textos Monográficos* 1).

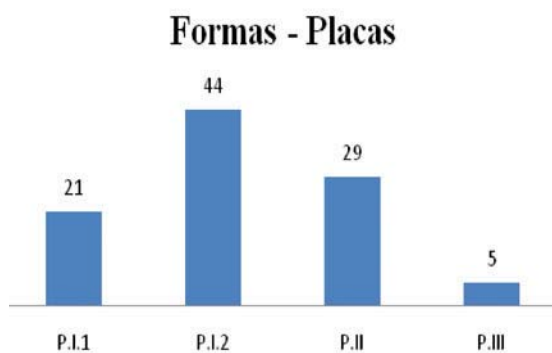


Gráfico 1 – Gráfico que ilustra a discrepância dos componentes e o respectivo estado.

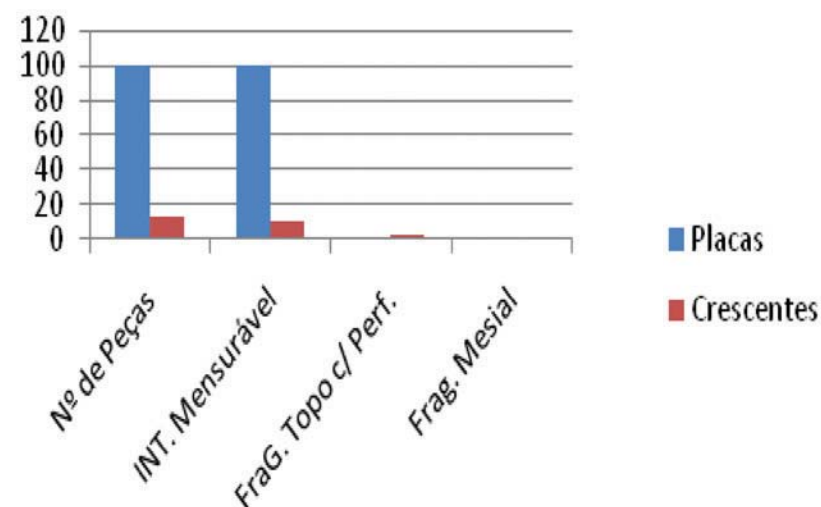


Gráfico 2 – Variantes de formas dos componentes Placa encontradas no Castelo de Pavia.



Figura 1 – Localização do Castelo de Pavia, no Ocidente Peninsular. (ANDRADE, M.; MATALOTO, R.; COSTEIRA, C. 2016 p. 44).



Figura 2 – Crescente sub-rectangular, com cozedura oxidante, erodido devido a processos tafonómicos. (Fotografada no MNA).



Figura 3 – Placa rectangular com cozedura redutora, e bastantes componentes não plásticos de média e grande dimensão. (Fotografada no MNA).

